1868 MARY ELIZABETH BRADDON

A promessa de minha amada

TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES



SRL

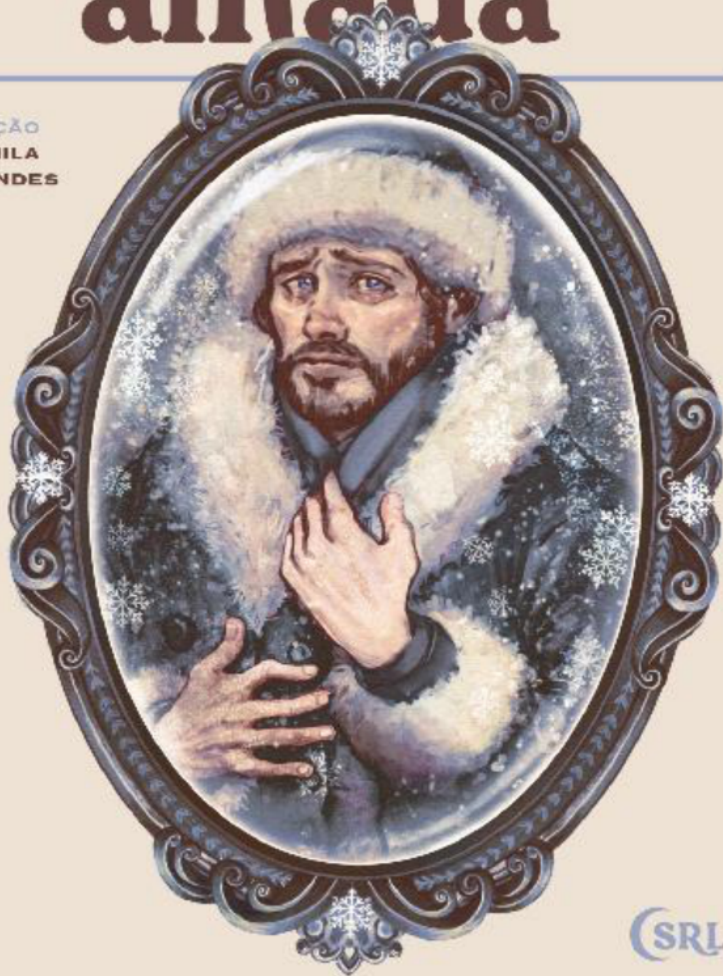
VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

1868 MARY ELIZABETH BRADDON

A promessa de minha amada

TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES

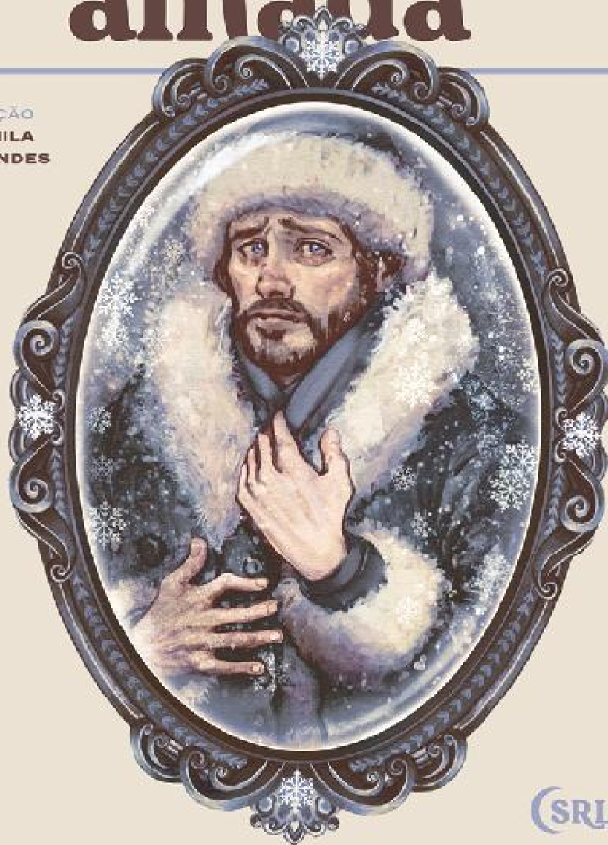


SRL

1868 MARY ELIZABETH BRADDON

A promessa de minha amada

TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES



SRL

Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Camila Fernandes

Preparação:
Verena Cavalcante

Revisão:
Lorena Camilo

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Erica Nascimento

2024 ISBN 978-65-88218-98-3

Copyright 2024 Editora Wish. **Este material possui direitos de tradução e publicação** e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.



UMA RELÍQUIA DE

Sinopse

A convicção que tomou conta de mim foi suprema. A partir do momento em que o marinheiro descreveu a figura que tinha visto, não me restou sombra de dúvida.

Richard Dunrayne pensava que seus dias de aventura estavam contados. Depois de se juntar a um bando de bravos aventureiros numa expedição ao Ártico, ele volta para casa decidido a se dedicar à família e à devotada mulher pela qual se apaixonou.

Entretanto, quando seus amigos desaparecem em uma das expedições, Richard promete à esposa que será a última vez em que ele voltará para o mar. O que ele não esperava é que talvez existisse mais de uma despedida nessa promessa.

Publicado em 1868, *A promessa de minha amada* é um conto escrito por Mary Elizabeth Braddon, uma das maiores autoras do século XIX, e chega com exclusividade à Sociedade das Relíquias Literárias.

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

ou pesquise no app por

sociedadewish

1868 MARY ELIZABETH BRADDON

A promessa de minha amada

Foi meu destino, num período inicial da vida, entregar-me aos deleites perigosos de uma carreira que, dentre as demais, é a que exerce o mais potente fascínio sobre a mente de todos que a ela se dedicam. Quando jovem, juntei-me a um bando de bravos aventureiros numa expedição ao Ártico e, desde o momento em que vi pela primeira vez o azul escuro e frio do Oceano Ártico, senti a influência sutil do ar polar rarefeito, tornei-me, para todos os fins e propósitos comuns da vida, um homem perdido. A expedição foi malfadada, embora o líder fosse um navegador sábio e científico, e os subordinados, homens seletos. O resultado foi uma imensa decepção e uma perda ainda maior – não só de vidas valiosas como de fundos consideráveis. Voltei da minha viagem a bordo no Weatherwise para o mundo ocidental, rejubilei-me tremendamente com a ideia de estar mais uma vez em casa, e decidi nunca mais enfrentar os horrores daquela região perigosa que tantos companheiros queridos me custara.

Eu, Richard Dunrayne, sou o filho mais velho de uma rica residência e meu pai foi um homem de certa influência no mundo político; assim, poucas posições me seriam impossíveis caso aspirasse à carreira comum almejada pela juventude inglesa. Acabei me

rendendo à paixão inicial pelo mar e a um posterior entusiasmo pela exploração do Ártico; esperava-se que, tendo satisfeito essas fantasias juvenis, eu me estabelecesse então numa busca mais consonante com as opiniões e as vontades da minha gente. Minha mãe chorou por seu tesouro restaurado, e confessou os terríveis temores que sofrera durante minha ausência, enquanto meu pai, por outro lado, me parabenizou por ter me atirado ao meu passatempo e dele escapulido são e salvo; em suma, a família aguardava ansiosa que eu escolhesse uma profissão.

Fazer tal escolha foi-me impossível. Tivesse vendido meu corpo e minha alma, pela fórmula mais explícita, a algum demônio dos icebergs ou espírito encarnado do mar gélido, não estaria mais comprometido do que estava. Da lareira natalina em volta da qual meus amigos queridos se reuniam, de debaixo da asa de minha mãe, da riqueza e dos prazeres mundanos, o gênio do oceano polar me convocava a me separar; e todas as bênçãos da minha vida, todas as afeições naturais do meu coração, eram fracas demais para me conter. Em sonhos, repetidas vezes, e com uma constância enlouquecedora, trilhei os velhos caminhos e vi as paredes de gelo que haviam impedido nossa passagem, de um branco medonho perante o roxo intenso daquele céu setentrional. Parecia-me que, se ao menos pudesse voltar àquela temível solidão, o sucesso seria uma certeza; acreditava que tivéramos entre os dedos a meada mágica daquele terrível labirinto e, por mera tolice, a havíamos deixado escapar. “Uma nova expedição, auxiliada pelo conhecimento do passado, terá sucesso”, dizia a mim mesmo. E, quando não consegui mais resistir à predisposição que me dominava, consultei os sobreviventes da nossa infeliz viagem e encontrei, na opinião deles, o eco verdadeiro das minhas convicções.

Encontramo-nos muitas vezes – e nossas reuniões resultaram na organização de uma nova expedição. O dinheiro jorrava como água em nossa pequena tesouraria; mas que refugo humilde nos parecia, se

comparado à joia que íamos procurar. Nossos preparativos começaram antes mesmo de me atrever a contar às pessoas que me amavam que já havia me comprometido a participar de uma segunda viagem. Mas, por fim, numa noite luminosa de primavera, fui para casa e anunciei a decisão. Agora olho para trás e me espanto com minha própria desumanidade; porém, não fiquei indiferente à dor da família. Enquanto escrevo, o grito que minha mãe deu ao saber da verdade ainda me ressoa nos ouvidos. Não, não fiquei indiferente – estava possuído.

De fato, não obtive sucesso na segunda viagem, mas foi para mim uma cena prolongada de prazer. Eu era um marinheiro e navegador habilidoso, além de um razoável esportista, e, tendo adquirido certa reputação durante a viagem anterior, tinha agora uma boa posição entre os oficiais subalternos a bordo do Ptarmigan. Passamos o inverno na Baía de Repulse,[1] com uma pequena reserva de combustível e um estoque de provisões ainda menor, mas sobrevivemos com o mínimo do luxo de antes, e suprimos toda a deficiência do que faltaria depois com a ajuda das nossas armas. Nunca se comeu um banquete melhor do que o do nosso jantar de Natal, com carne de rena e bolinhos de groselha, embora o termômetro marcasse 61 graus abaixo do ponto de congelamento e a geada cintilasse em nossas blusas e calças.

O breve verão daquela latitude setentrional nos rendeu alguns pequenos triunfos. Passamos o segundo inverno em casas feitas de gelo[2] que se assemelhavam a gigantescas colmeias e eram as habitações mais aconchegantes possíveis, e, no segundo verão, tomamos o rumo de casa, com excelente saúde e ânimo. Mas minha alegria seria amargamente arruinada ao desembarcar na Inglaterra.

Voltei apenas para encontrar o túmulo de minha mãe, repleto de flores outonais e familiares, em um cemitério suburbano, entendendo que os braços afetuosos que se agarraram a mim na hora da despedida nunca mais me envolveriam. O golpe foi severo e, por algum tempo,

pensei com aversão naquele estranho mundo setentrional que tanto me custara e ainda muito me custaria.

O tempo passou e permaneci na Inglaterra, um homem destruído, aos vinte e cinco anos de idade. Não tinha nenhum sinal de afinidade com os homens que conhecia, porque seus objetivos me entediavam, repugnavam-me suas desprezíveis ambições. Para mim, os prazeres da vida civilizada não tinham o menor encanto. Um urso-polar teria se sentido tão à vontade quanto eu num salão de festas do West End e mostraria o mesmo interesse na conversa trocada à mesa de um jantar requintado. Longe dos meus antigos camaradas do Weatherwise e do Ptarmigan, eu não tinha um amigo a quem realmente apreciasse.

Dia após dia, à medida que o mundo civilizado se tornava mais dessaboroso para mim, o velho anseio revivia: sonhos de outros tempos assombravam-me o sono. Nas belas salas de estar de meu pai, ansiava pela cabana de pedra bruta da Baía de Repulse ou pelas colmeias feitas de gelo do Cabo Crozier. Outra expedição vinha à tona: cartas de antigos camaradas anunciando triunfos antecipados e avisando sobre o remorso que eu sofreria uma vez que os vigorosos vencedores retornassem para censurar o preguiçoso que preferiu ficar em casa enquanto os velhos amigos navegavam entre os blocos de gelo, confrontando o terrível tirano do norte.

Deixei-os ir sem mim a um custo pessoal cuja dimensão somente eu sabia. A saúde do meu pai vinha se deteriorando desde a morte da minha mãe e eu estava decidido a não o abandonar. Esse dever, pelo menos, não abnegaria. O triste privilégio de comparecer ao leito de morte de um pai não seria vendido ao demônio dos mares congelados que a tudo reivindica. Assim, por três anos vazios e pacientes, permaneci em casa. Minhas mãos fecharam com reverência os olhos que nunca me haviam encarado senão com afeto – fui a única testemunha daquele último sono tranquilo.

Feito isso, estava livre uma vez mais, e a velha obsessão me

agarrou com a mesma força de antes. A morte de meu pai enriqueceu-me, e, a meu ver, a riqueza tinha uma única utilidade. Todos os velhos anseios se intensificaram dez vezes pelo mais triste dos motivos. Nunca mais se ouvira falar do Ptarmigan desde o momento em que havia saído da Baía de Baffin, e o destino daqueles camaradas familiares – com quem vivi na mais íntima comunhão por dois anos felizes – era um enigma obscuro a ser resolvido apenas por um trabalho rigoroso. A expedição não tivera importância suficiente para atrair muita atenção do mundo científico, pois seu caráter fora voluntário e amador demais. Contudo, quando o fato do desaparecimento do navio se tornou conhecido, uma reunião da Sociedade Real de Londres deu toda a devida consideração ao caso, prometendo assistência a um grupo de investigação.

Minha grande fortuna me permitiu contribuir imensamente com as despesas da nova viagem, enquanto voluntários e doações chegavam de todas as partes. Foi-me difícil selecionar oficiais e tripulantes dentre um número tão amplo de aventureiros vigorosos, mas fui prudente o bastante para contratar a tripulação de um baleeiro velho e desgastado como a base da equipagem. Passamos seis anos completos viajando, invernando às vezes na América do Sul – e uma vez em Nova York – e obtendo provisões como podíamos. Fizemos algumas descobertas, que a Sociedade Real recebeu com polida aprovação. Das pessoas que fomos procurar, porém, não encontramos vestígios, e comecei a pensar que o destino dos meus velhos amigos era um mistério que nunca se decifraria debaixo do firmamento.

Voltei para a Inglaterra aos trinta e quatro anos de idade: um vigoroso andarilho com uma barba longa e castanha que parecia ligeiramente salpicada da neve do norte e com a força de um leão-marinho. Durante os melhores anos da minha vida, vivera em colmeias de gelo e cabanas de pedra ou dormira à noite no meio do deserto gelado, num barco que meus ombros robustos ajudaram a

carregar durante o dia. Céus! Que criatura rústica e desmazelada, que monstro marinho soturno devo ter sido; e, ainda assim, Isabel Lawson me amava!

Sim, voltei à Inglaterra para encontrar a feiticeira mais bela do que o espírito das profundezas congeladas e vender minha liberdade a uma nova mestra. Durante minha ausência, uma de minhas irmãs havia se casado, e foi em sua casa de campo que fixei residência. A jovem irmã do marido dela, o Capitão Lawson, fez uma visita, e assim encontrei meu destino.

Não tentarei descrevê-la; o rosto inocente, tão formoso aos meus olhos, talvez fosse menos perfeito do que eu pensava, mas, se a perfeição exibe em outra forma, esta não me encanta. Isabel era dezesseis anos mais jovem que eu e, durante um período considerável desde que nos conhecemos, considerou-me um irmão mais velho recém-adquirido cuja idade dava ao relacionamento um caráter paternal. Por muito tempo, enxerguei-a como uma bela visão, a imagem encarnada de tudo o que é terno e divino na mulher, tão distante de mim quanto as estrelas que indicava para ela em nossas caminhadas de verão perto da casa de campo, à beira-mar.

Como passei a amá-la não hei de perguntar a mim mesmo. Isabel era uma criatura que, ao conhecer, era impossível não amar. Contudo, como ela passou a me amar é um mistério que muitas vezes tentei decifrar e, quando lhe perguntei, com medo e dúvida, a razão por que fui assim abençoado, disse-me que era por ser valente, franco e verdadeiro, digno do amor de uma mulher. Que Deus abençoe minha querida; o fascínio do norte gélido me acompanhava e a mera história do mundo de maravilhas que eu conhecera tinha magia suficiente para valer-me o coração desse anjo. Ela nunca se cansava de me ouvir descrever aquela região selvagem que eu tanto amava. Muitas e muitas vezes contei-lhe as histórias das minhas várias viagens, cuja narração parecia oferecer sempre um novo encanto para ela.

— Acho que conheço todos os canais do Estreito de Davis e da Baía de Baffin – disse ela um ou dois dias antes do nosso casamento –, o litoral congelado, da Baía de Repulse ao Cabo Crozier, os bancos de gelo sobre os quais você carregou seus barcos, os bandos de focas e as revoadas de patos, a colônia de baleias-brancas, e as amadas casinhas de gelo em que viveu com tanto aconchego. Não acha que deveríamos passar nossa lua de mel no Cabo Crozier, Richard?

— Minha preciosa, Deus me livre de vê-la naquele lugar selvagem.

— Pois esteja certo, Richard, se você fosse para lá, eu o seguiria.

E ela cumpriu a palavra.

***

Ah, como parece delirante e tristonha a cena feliz do dia do meu casamento quando, esta noite, me recordo dela ao lado de uma lareira solitária na casa de um estranho. Minha Isabel parecia um espírito de véu e vestido brancos, e eu, a quem as lembranças do norte sempre acompanhavam, por pouco não a imaginei vestida de nevasca. Perguntei-lhe se estava contente por entregar sua juventude e beleza a um veterano desgastado como eu, e ela disse sim, mil vezes mais do que contente, estava inexprimivelmente feliz.

— Mas você nunca vai me deixar, não é, Richard? – disse também, olhando-me com um amor divino nos olhos azuis-escuros, e prometi mais uma vez, como prometera muitas antes, que o norte nunca me afastaria da minha amada.

— Você será minha estrela polar, querida, e esquecerei que a Terra tem uma região mais selvagem do que os bosques e montanhas ao redor de nosso lar feliz.

Minha querida amava o campo e eu amava tudo o que lhe era caro; por isso, comprei uma pequena propriedade em North Devon – uma fazenda com parque no coração de uma paisagem tal que só se

pode encontrar naquele condado hespérico. Eu era rico, portanto, meu orgulho e deleite era deixar nossa casa tão bonita quanto o dinheiro e os cuidados permitiam. A reforma da casa, tão antiga quanto os Tudors, e a melhoria do parque me ocuparam por mais de um ano – um ano feliz de alegrias domésticas com a esposa mais doce que o céu já deu ao homem desde que Adão viu Eva sorrir para ele entre as flores do Paraíso –, e, durante todo esse tempo, mal pensei no norte. Com o início do nosso segundo ano de feliz união, senti-me ainda menos inclinado a pensar naquela antiga vida, pois Deus nos abençoara com um filho, puro, tenro e belo como a região em que nasceu.

Quanto a esse período da minha vida, não ouso me delongar. Por quase dois anos tivemos nosso tesouro; se alguma coisa pudesse nos aproximar um do outro mais do que nosso amor nos aproximara muito tempo antes, seria nossa afeição por essa criança. Mas ele foi tomado de nós. "O Senhor deu, o Senhor tomou; bendito seja o nome do Senhor." Repetimos as santas sentenças de resignação, mas não foi a resignação, e sim o desespero que refreou a violência da nossa dor. Deitei meu filho amado no túmulo sob um céu de verão enquanto uma cotovia cantava nas alturas do Paraíso, onde tentei imaginá-lo em meio aos querubins, e entendi que, para mim, a vida nunca mais poderia ser o que tinha sido.

Disseram-me que talvez devesse ter outros filhos para amá-los como amara aquele.

— Se Deus me devolvesse este, nem assim poderia apagar da minha memória o sofrimento e a morte dele – respondi, ímpio.

Por algum tempo, a tristeza foi uma espécie de estupor, um peso morto e maçante na alma do qual nada poderia me libertar. A dor de Isabel não foi menos intensa, nem menos amarga, mas era mais natural e mais generosa. Ficou alarmada com meu estado de espírito e pediu que tentasse mudar de ambiente.

— Vamos para Londres, Richard – disse ela. – Terei prazer em deixar este lugar, por mais belo e querido que seja.

Seu rosto pálido avisou-me da triste necessidade de mudança; assim, pelo bem dela, mais que pelo meu, levei-a para Londres, onde alugamos uma casa mobilada numa praça no oeste da cidade.

Lá estando, e sendo eu um homem desocupado, sem gostos nem amigos londrinos, não é de se estranhar que participasse das reuniões da Sociedade Real de Londres. O destino de Franklin[3] permanecia desconhecido, e os debates sobre o assunto travavam-se com ardor febril. O governo estava estruturando uma nova expedição e não poderia haver melhor oportunidade para selecionar um grupo de voluntários que poderiam seguir no encalço daquele navio.

Na sede da Sociedade encontrei Frank Martyn, um velho camarada que tinha servido comigo na minha primeira viagem a bordo do Weatherwise. Martyn empenhou seu máximo poder de persuasão para me induzir a ir com ele e sua tripulação numa expedição rumo ao norte, à procura de Franklin e dos nossos companheiros perdidos do Ptarmigan. Todos me conheciam como homem experiente, bem provido de fundos para a guerra, aventureiro e fleumático, endurecido por muitos invernos polares; meu amigo e seu grupo me queriam como líder. A proposta me lisonjeou mais do que posso descrever, e causou-me a primeira alegria vivida desde a morte do meu filho. Mas me lembrei da minha promessa.

— Não, Martyn – respondi. – Tal coisa é impossível. Sou casado e dei minha palavra à mulher mais querida da cristandade de que nunca mais irei para lá.

Frank Martyn não tentou esconder a decepção com minha decisão nem o desprezo pelos meus motivos.

Eu tinha o hábito de contar tudo à minha mulher; assim, contei-lhe os debates da Sociedade Real de Londres e o encontro com o velho

camarada.

— Mas vai cumprir sua promessa, Richard? – perguntou ela com um súbito temor no olhar.

— Até o fim da vida, minha querida, a não ser que você me liberte dela.

— Ah, Richard, isso é improvável. Não sou capaz de tal sacrifício.

Fui repetidas vezes à Sociedade e jantei num clube com meu amigo Martyn, que me apresentou a seus colegas, aqueles voluntários ávidos que suspiravam pelos ventos gélidos da zona ártica e definhavam na ânsia de trilhar o labirinto congelado das águas polares. Ouvi-os, falei com eles, e o demônio do norte recuperou o domínio sobre mim. Minha esposa viu que uma nova influência se punha a atuar e que a vida doméstica já não me significava a completude.

Um dia, depois de muitos questionamentos ansiosos, Isabel conseguiu extrair meu segredo. O velho anseio tomara conta de mim. Contei-lhe como cada impulso de minha mente, e cada desejo de meu coração, me impeliam a acompanhar o novo grupo, e como, por amor a ela, estava determinado a renunciar à certeza do prazer e à possibilidade de conquistar honrarias. Agradeceu-me com um suspiro.

— Estou entre você e o propósito de sua vida, Richard – disse. – Como deve me achar egoísta!

— Não, querida, só terna e feminina.

Após minha persistente recusa em comandar a expedição, meu amigo Martyn foi eleito capitão por unanimidade. Um cervejeiro rico e audacioso providenciou a maior parte dos fundos, com os quais contribuí de bom grado com a minha cota.

— Sei que Dunrayne irá conosco – disse Frank Martyn. – Ele vai aparecer no último instante e pedir licença para nos acompanhar. Mas

lembre-se, Dick – acrescentou, voltando-se para mim –, se decidir de última hora, você será bem-vindo e terei orgulho de entregar o comando a um colega que conhece a zona ártica tão bem quanto o povo de Londres conhece as ruas da cidade.

Os preparativos para a viagem duraram mais tempo do que o previsto. Passaram-se meses e continuei na cidade, embora soubesse que Isabel preferiria voltar a Devonshire. Não pude me ausentar enquanto o Forlorn Hope, o navio fretado pelo cervejeiro, continuava atracado. Via os aventureiros quase todos os dias, auxiliava nos preparativos, analisava o mapa com eles, e percorria cada centímetro do antigo território com um lápis para instruí-los.

Faltava uma semana para a partida; a febre e o entusiasmo da preparação me dominavam ainda mais do que a qualquer um dos aspirantes a peregrinos quando, certa manhã, minha esposa veio até mim de repente e se atirou, soluçando, em meus braços.

— Minha querida Isabel, o que aconteceu? – perguntei alarmado.

— Ah, Richard, você precisa ir – soluçou ela. – Não posso afastá-lo do seu destino. Meus medos egoístas o estão matando. Vejo isso no seu olhar. Você deve ir para aquele mundo selvagem e terrível, onde o céu já o guiou em segurança e há de guardá-lo e guiá-lo outra vez. Sim, querido, eu o liberto da sua promessa. Terá Deus menos poder para protegê-lo lá do que aqui? Ele criou aquele mundo de gelo e neve eternos; onde há Deus, há segurança. Não, Richard, não vou me desesperar. Não ficarei entre você e a fama. Ouvi-o falar ontem à noite, durante o sono, como falou em muitas outras noites, daquela solidão longínqua. Sei que seu coração está lá. Devo aprisionar meu marido quando seu coração já fugiu de mim? Não, Richard, você deve partir.

Ela me beijou e caiu desfalecida a meus pés. Insensibilizado por minha própria insensatez egoísta, não percebi que sua firmeza era a coragem vinda do desespero. Pensei somente na sua generosidade e na

minha libertação. Não era tarde demais para aceitar o comando do Forlorn Hope. Agradeci à minha esposa com cem beijos quando seus olhos doces voltaram a se abrir para mim.

— Minha querida, nunca me esquecerei disso! – exclamei. – E será a última viagem, a última. Isso eu juro por tudo o que há de mais sagrado para mim. Não há perigo, acredite, nenhum, para um homem que desenvolveu prudência como eu o fiz na escola das adversidades.

Faltava só uma semana para a despedida.

— Assim poderei suporar melhor o adeus – disse minha esposa. – Tamanho golpe não pode ser tão repentino.

— Mas, querida, não é diferente de qualquer outra ausência. E não se esqueça: será a última vez.

— Não, Richard, não me diga isso. Acho que o conheço melhor do que conhece a si próprio. Um homem não pode servir a dois mestres. Seu mestre está lá e o chama para longe de mim.

— Mas é pela última vez, Isabel.

— Bem, sim — respondeu ela, com um suspiro profundo. – Creio que, quando nos despedirmos na semana que vem, vamos nos separar pela última vez.

A tristeza de sua voz parecia natural para a ocasião; não percebi o significado melancólico daquelas palavras, mas, em tempos vindouros, elas me retornariam muitas vezes à mente.

— Vou fazer-lhe uma bandeira, Richard – disse Isabel no dia seguinte. – Se vocês descobrirem uma nova porção de terra ao longe, hão de querer fincar a bandeira inglesa lá, e eu teria prazer em pensar que minhas mãos estarão associadas ao seu triunfo.

Ela passou a trabalhar na fabricação de uma bandeira do Reino Unido. Lembrei-me de um acontecimento melancólico na vida de Sir

John Franklin, e não me agradou vê-la assim ocupada, mas não podia entristecê-la com aquela história. Assim, ela continuou a trabalhar com um ar mais feliz do que eu imaginaria possível. Mas ai! Não sabia que essa alegria era somente uma postura heroica sustentada para me poupar da dor.

Minha querida insistiu em examinar meus mapas e fez com que eu lhe mostrasse cada passo previsto da viagem – o lugar onde esperávamos invernar, a terra que pretendíamos explorar de trenó, e os pontos onde ergueríamos moledros para demarcar nosso progresso. Ela analisou cada detalhe da viagem com um interesse tão intenso quanto o meu.

— Acho que conheço esse mundo distante tão bem quanto você, Richard – disse ela no último dia. – Nos meus sonhos vou segui-lo. Sim, sei que vou sonhar com você todas as noites e que meus sonhos serão verdadeiros. Deve haver alguma corrente magnética entre dois seres unidos de modo tão íntimo quanto nós, e tenho certeza de que o sono o mostrará para mim tal como estiver: em segurança ou em perigo, triunfante ou desesperado. E também em meus momentos de vigília, querido, estarei no seu encalço. Minha vida será dupla: a existência maçante e corriqueira em casa, onde meu corpo precisa estar, e a vida mística acolá, onde meu espírito o seguirá. E, caro marido – continuou, agarrando-se a mim e olhando-me com uma nova luz nos olhos –, se eu morrer antes do seu regresso…

— Isabel!

— É claro que isso é improvável, como você sabe; mas, se eu for tomada de você, meu amado, saberá imediatamente. Sim, querido, na hora da morte, meu espírito voará até você para ter um último vislumbre carinhoso da terra, tão certo quanto espero que ele o aguardará no céu!

Tentei repreendê-la por essa superstição escocesa arcaica, mas as palavras dela e o olhar que as acompanhou me abalaram mais do que

eu gostaria de confessar a mim mesmo, a tal ponto que, se fosse possível recuar com honra, creio que teria renunciado ao comando do Forlorn Hope e ficado com minha esposa. Ó Deus, quisera ter feito isso, a qualquer custo de honra e a qualquer sacrifício de amizade!

Mas meu destino me atraía para o norte, e pra lá eu fui. Partimos em julho e chegamos ao lugar que havíamos escolhido como nosso porto de invernada no fim de agosto. Lá, cercamos nossa embarcação com neve e a cobrimos, e, nessa solidão soturna, nos preparamos para esperar a abertura dos mares no verão. Para mim, o inverno foi inexprimivelmente longo e tristonho. Eu não era mais o solteirão descuidado que encontrava diversão nos esportes brutos dos marinheiros e prazer num ataque ocasional às renas do litoral congelado. Na verdade, tentara servir a dois mestres, e a lembrança daquela que havia deixado para trás estava sempre comigo, uma sombra repreensiva.

Se então pudesse voltar ao passado, e me visse uma vez mais diante daquela lareira junto da qual eu ansiara pela velha vida de aventuras, como ficaria feliz em fazer essa troca!

O inverno longo e inativo, que era tão triste para mim, pareceu bastante agradável para meus companheiros. Tínhamos muitas provisões e todos nutriam esperanças quanto às proezas do verão seguinte. Quem sabe encontrássemos a tripulação do Ptarmigan como vigorosos moradores de alguma região inacessível, aguardando socorro e libertação com toda a paciência. Com tais sonhos de esperança, meus companheiros enganavam os dias de ócio, mas eu havia perdido meu antigo poder de sonhar e somente o senso de dever sustentava meu ânimo. Meu amigo Frank me disse que eu era um homem transformado – frio e severo como um legítimo militar.

— Mas tanto melhor para um homem na sua função – acrescentou ele. – Os marinheiros o amam e o temem na mesma medida, pois sabem que o veriam firme como uma rocha na hora do perigo.

***

O verão chegou, e os enormes bancos de gelo se soltaram com o estrondo de trovões e se espalharam à brisa do sul. Mas nossa liberdade não nos trouxe nada além de decepção. Nenhum sinal dos amigos do Ptarmigan alegrou nossos olhos, nenhuma descoberta recompensou nossa paciência. O escorbuto nos tinha custado quatro dos nossos melhores homens e faltavam mãos para trabalhar. Antes do fim do verão, tivemos mais mortes, e, quando chegou o inverno, Martyn e eu o enfrentamos com tristeza diante da perspectiva de escassas provisões e combustível ainda mais escasso, além de uma tripulação doente e desiludida. Ainda assim, tínhamos razões para agradecer a Deus, porque os pobres coitados nos eram fiéis em condições tão desesperadoras.

Antes da estação mais fria se estabelecer, deixamos nosso navio num porto toleravelmente seguro e iniciamos uma expedição terrestre, ainda decididos a procurar vestígios do Ptarmigan. Compramos alguns trenós e uma matilha de cães esquimós canadenses, criaturas fiéis e resistentes que prosperavam nas situações mais ásperas e foram inestimáveis para nós nessa viagem laboriosa. Palavra nenhuma pode narrar a desolação dessa região selvagem – e mente nenhuma é capaz de imaginar aquele horror de neve perpétua, tão ilimitada quanto eterna.

Martyn e eu trabalhamos sem parar para sustentar o ânimo delibitado dos homens. Um pobre coitado havia perdido o pé em razão de uma úlcera de frio e, não fosse nosso cirurgião realizar a hábil amputação do membro incapacitado, sem dúvida teria morrido. É claro que foi um obstáculo considerável para nós nesse momento de provação, mas sua própria resistência paciente nos ensinou a manter a firmeza. Esperávamos nos encontrar com os povos nativos, mas não vimos ninguém depois daqueles de quem compramos os cães.

Por isso, continuamos a labuta, horrorizados com a mudança

soturna nas formas e nos rostos uns dos outros, à medida que a pouca comida e a fadiga executavam seu trabalho. O meio do inverno nos encontrou em número ainda mais reduzido. Construímos uma espaçosa casa de gelo e uma cabana para os cães; nesse ponto, meu amigo Frank Martyn adoeceu, ficando em repouso com três outros enfermos durante nosso Natal desesperançado. Minha própria saúde, espantosamente, resistiu. Meu ânimou cresceu com a intensidade da provação e enfrentei com valentia o futuro sombrio, enganando-me com imagens oníricas do regresso à minha casa e do rosto alegre da minha esposa quando erguesse o olhar da lareira solitária e me visse parado na soleira da porta.

Era dia de Natal. Tínhamos jantado *pemmican* – um tipo peculiar de carne conservada –, biscoitos e arroz. Bebida já não nos restava, a não ser um bocado guardado com cuidado para o caso de necessidade urgente. Depois do nosso escasso repasto, os homens capazes saíram em grupo à procura de alvos para as armas, mas com pouca esperança de encontrar alguma coisa. Os enfermos dormiam, e eu me sentei junto da fogueira de musgo seco que servia para iluminar a cabana com a ajuda de um raio de luz do dia, fria e opaca, que nos alcançava por uma janela de gelo transparente no teto.

Eu pensava na Inglaterra e na minha esposa – em que mais conseguia pensar então? – quando um dos homens entrou de repente e caiu no monte de neve que servia de banco. Estava branco até os lábios e trêmulo como nenhum homem poderia estar apenas por causa do frio.

— Meu Deus, Hanley, o que aconteceu? – gritei, alarmado com o terror do homem.

— Eu me afastei dos outros, capitão – começou ele a dizer com voz rápida e ofegante –, pensando ter visto as pegadas de um urso na neve. Tinha me separado deles havia cerca de meia hora quando vi... – Sua voz se esvaiu de repente e ele ficou sentado diante de mim com

lábios que se mexiam, mas não emitiam som.

— O quê? Por amor de Deus, homem, fale.

— Uma mulher!

— Sim, de uma tribo nativa, sem dúvida. Por que não a saudou e a trouxe para cá? Ora, você deve estar louco, Hanley. Sabe o quanto temos desejado nos encontrar com alguém desse povo e, ao ver uma pessoa, você a deixa escapar por entre os dedos e volta apavorado, como se tivesse visto um fantasma.

— É isso mesmo, excelência – respondeu o homem, rouco. – O que vi foi um fantasma.

— Que disparate, homem!

— Mas digo que sim, capitão, e sustentarei minha palavra. Ela estava diante de mim, passando devagar pela neve; não se pode dizer que andava, tão suave era seu deslizar. Estava vestida de branco; não era um vestido comum, mas algo cuja simples lembrança gela o coração. Enquanto ali fiquei, temeroso demais para mover a mão ou o pé, ela se virou e acenou para mim, e vi o rosto dela com a mesma nitidez com que vejo o do senhor neste momento: um rosto bonito, de olhos azuis, com longos cabelos loiros soltos ao redor.

Eu me levantei num instante, correndo em direção à porta.

— Meu Deus do céu! – gritei. – Minha esposa!

A convicção que tomou conta de mim foi suprema. A partir do momento em que o marinheiro descreveu a figura que tinha visto, não me restou sombra de dúvida. Era Isabel e ninguém mais. A esposa que havia prometido que seu espírito me seguiria passo a passo naquela viagem desolada estava perto de mim. Somente por um instante considerei a possibilidade ou a impossibilidade de sua presença, e ponderei se algum navio a caminho do norte poderia tê-la levado a um posto nativo próximo dali de que não tínhamos conhecimento.

Somente por um instante; depois, corri pela neve na direção para onde o marinheiro apontava da porta da nossa cabana.

O dia breve de inverno se encerrava e havia apenas uma longa linha de luz amarela e tênue no oeste. Ao leste, a lua estava nascendo, pálida e fria como aquela região de neve eterna. Eu me afastara cerca de duzentos metros da cabana quando vi uma figura de manto branco seguir em direção à baixa luz ocidental; uma figura ao mesmo tempo tão querida, tão conhecida, mas naquele lugar tão horrível, que um calafrio gelado me sacudiu da cabeça aos pés enquanto olhava para ela.

Virou-se e acenou. O rosto lindo olhou para mim, espantosamente distinto àquela luz fria e clara. Eu a segui, e ela me conduziu através de um ermo coberto de neve que eu não havia explorado ou não me lembrava de ter atravessado até então. Tentei alcançar a forma conhecida, mas, embora seu estranho deslizar parecesse lento, escapava ao meu alcance, por mais que eu me apressasse. Dessa maneira, atravessamos o ermo vasto e desolado; à medida que o último lampejo da luz ocidental se apagava e a lua brilhava ainda mais na planície congelada, chegamos a um ponto onde a neve jazia em montes – sete montes separados na forma de uma cruz sob o céu selvagem do norte.

Bastou-me olhar para entender que aquele era o trabalho de mãos civilizadas. O emblema cristão me informou ainda mais. No entanto, embora visse os montes de neve a meus pés, meus olhos pareciam nunca abandonar o rosto da minha esposa – ó Deus, tão pálido ao luar!

Ela apontou com o dedo estendido para um dos montes e vi que era encimado por uma tábua rústica de madeira, quase enterrada na neve. Tirar um canivete do cinto, atirar-me de joelhos no chão e começar a raspar a camada de gelo misturada à neve dessa tábua foi obra de instantes. Embora pensasse unicamente nela, foi como se uma

força irresistível me compelisse a parar e a obedecer ao comando da mão que apontava. Quando ergui o rosto, estava sozinho sob o céu invernal. Minha esposa tinha desaparecido. Eu soube então o que havia sentido desde o começo: que tinha seguido a sombra da minha esposa naquele ermo congelado e que, na Terra, eu e ela nunca mais nos veríamos.

Ela havia cumprido sua promessa tanto quanto eu violara a minha. Seu espírito meigo me seguiu até aquele mundo desolado no momento em que se viu livre da prisão terrena.

Já era tarde da noite quando Hanley e seus companheiros me encontraram deitado no monte de neve, inconsciente, com o canivete aberto ao lado da mão enrijecida.

De alguma forma devolveram-me a vida e, à luz dos lampiões que carregavam, examinamos a tábua no alto do monte. Uma inscrição grosseiramente entalhada informou que tínhamos encontrado a tripulação perdida do Ptarmigan.

Aqui jaz o corpo de Morris Haynes, comandante do Ptarmigan, que morreu nesta região desconhecida em 30 de janeiro de 1829, aos trinta e cinco anos.

Os outros montes também tinham placas com inscrições, que escavamos da neve no dia seguinte e transcrevemos com atenção. Depois disso, encontramos um moledro contendo latas vazias de alimentos, numa das quais havia um livro que, sem dúvida, fora usado como diário, mas a ferrugem e a neve cobraram seu preço e de tal diário nada se decifrava além do nome do autor – Morris Haynes.

Essa investigação não foi da minha autoria. O ano novo me encontrou acometido de febre reumática, e Frank Martyn teve que assumir a função de enfermeiro ao lado do banco de neve onde me deitei. Nossas provisões duraram mais do que esperávamos, graças à carne dos animais que os homens caçaram e à paciência com que

suportaram as privações. Chegou a primavera e, com ela, a liberdade.

Planejamos ir até a Baía de Baffin – realização que mal acreditava ser possível nos meus devaneios soturnos durante o inverno – e um baleeiro da Groenlândia nos levou para casa em segurança.

Fui diretamente à casa do meu cunhado no oeste de Londres. Ele estava em casa e foi sem demora para a biblioteca aonde eu fora conduzido e onde esperava por ele com a expressão sombria.

Sim, tal como eu esperava, ele estava de luto, e atrás dele veio minha irmã, com o rosto pálido, no qual não havia sorriso de saudação.

Lawson estendeu as mãos para mim.

— Richard – começou a dizer com a voz hesitante –, Deus sabe que nunca imaginei ser possível não me alegrar com sua volta para casa… mas…

— Já basta – respondi. – Não precisa dizer mais. Minha esposa morreu.

Ele baixou a cabeça solenemente.

— Ela morreu no dia 25 de dezembro passado, às quatro horas da tarde.

— Então já lhe contaram! – gritou minha irmã. – Você esteve com alguém?

— Sim… Estive com ela!

The End



Extra: Biografia de Mary Elizabeth Braddon

Autora de um dos maiores best-sellers do século XIX, Mary Elizabeth Braddon viveu a era vitoriana praticamente inteira e se tornou um retrato da literatura da época. Décadas depois de sua morte, ela continua uma referência, não apenas pelas histórias que escreveu, mas pelo legado que deixou para os romancistas que vieram em seguida.

Braddon nasceu na Londres de 1835, terceira filha de Henry Braddon, um advogado de reputação questionável, e de Fanny White, que seria uma de suas maiores influências femininas. Mãe e filha nutriram uma relação muito próxima e Mary Elizabeth Braddon credita grande parte de sua formação à mãe. Foi muito influenciada pelo trabalho de grandes autores da literatura inglesa como Shakespeare e Charles Dickens. Nutrida por muitas influências

literárias, Braddon começou a escrever ficção com apenas 8 anos de idade, mas foi no teatro, e não na literatura, que sua carreira começou de fato.

Quando começou sua carreira artística, encontrou espaço primeiro nos palcos. Entretanto, a era vitoriana, em meio às suas diversas contradições, estigmatizava as mulheres ligadas ao teatro e seu passado nos palcos seria motivo de escrutínio ao longo de sua vida.

Em 1857 começou a publicar seus poemas e, em 1860 começou a publicar histórias seriadas na revista The Welcome Guest, que pertencia a John Maxwell, com quem viria a se casar em 1874. Foi na publicação em série, muito comum à época, que Braddon publicou os primeiros capítulos de *Lady Audley's Secret*, que faria de Mary Elizabeth Braddon um fenômeno editorial e se transformaria em uma das histórias mais vendidas da era vitoriana. Foi Lady Audley's Secret que marcou Braddon para sempre como uma das rainhas do romance de sensação.

Segundo Lyn Pykett, pesquisadora e autora de livros sobre romances de sensação, "de muitas maneiras, o romance de sensação era tanto um fenômeno editorial quanto um gênero ficcional. Estava associado a um estilo de editor ousado e empreendedor que buscava novas maneiras de maximizar a publicidade, os lucros e o que hoje chamaríamos de 'penetração no mercado'." O romance de sensação foi um gênero também bastante estigmatizado durante seu auge editorial, sendo visto como portador de histórias "menores" e "menos sofisticadas".

O sucesso de Lady Audley's Secret criou uma demanda que Braddon precisava suprir para se sustentar como escritora. Além de escrever para o público de classe baixa com as penny bloods que escrevia de forma anônima, também atendeu à demanda de um público diferente, escrevendo contos. Braddon se tornou conhecida também por suas histórias com personagens femininas complexas e

por trazer elementos de outros gêneros para o romance de sensação, como aspectos provincianos e elementos góticos. Em suas histórias ela também desafiava estereótipos de gênero e questionava costumes vitorianos. Segundo Pykett “a carreira de Braddon é, em muitos aspectos, tanto um modelo do padrão de carreira da escritora profissional de sucesso em meados do século XIX quanto um guia para as mudanças nos gostos literários e as práticas de publicação no período”.

Ela também tornou-se editora de uma revista literária, a Belgravia, voltada para um público leitor de classe média. Foi ali que ela continuou publicando alguns de seus trabalhos autorais, alguns até mesmo com pseudônimos ou de forma anônima. Mesmo trabalhando atendendo à demanda de seus editores, do mercado e dos próprios leitores, Braddon foi alvo de duras críticas por conta não apenas pelo fato de ser mulher e pelo principal gênero literário dentro do qual escrevia, mas pela velocidade e volume de sua produção em série. Sua vida pessoal também foi alvo de escrutínio por conta de possíveis amantes e seu passado no teatro, como mencionado anteriormente, e sua relação com uma literatura consumida pelas classes mais baixas.

Anos mais tarde, Braddon se tornaria uma referência entre críticas feministas como um exemplo de escritora esquecida e/ou desvalorizada. Recentemente ela vem sendo redescoberta por novas gerações de leitores que encontram em suas histórias paralelos interessantes com o presente. E, ainda segundo Lyn Pykett, “talvez ainda mais importante, as releituras da ficção de Braddon também figuraram com destaque nas tentativas de repensar as relações entre a cultura popular e a alta cultura e de redesenhar o mapa do romance do século XIX”.

Mary Elizabeth Braddon assistiu ao fim da era vitoriana e morreu em 1915. Era uma artista extremamente atenta ao mercado, com um olhar ímpar para as demandas da época e foi um exemplo de autora que sabia exatamente o que estava fazendo e para quem estava

fazendo. Estreou na Sociedade das Relíquias Literárias com *O abraço gélido* e agora retorna com *A promessa de minha amada*.

Deixe sua avaliação no Skoob ❤

Busque por

A Promessa

de minha Amada

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Camila Fernandes

TRADUÇÃO

Escritora e tradutora, atende editoras como Arqueiro e DarkSide. Para a Wish, traduziu *Beleza Negra* e *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça*, entre outros.

@camilafernandes.autora



Verena Cavalcante

PREPARAÇÃO

Autora, tradutora e revisora de textos. Graduada em Letras pela PUCC, trabalha no mercado editorial há mais de uma década. **@verena__cavalcante**



Lorena Camilo

REVISÃO

Editora, revisora, redatora e criadora de conteúdo. Mestra em Estudos Literários e bacharel em Letras com formação complementar em Jornalismo pela UFMG. **@lorenacscamilo**



Erica Nascimento

ILUSTRAÇÃO

Ilustradora, apaixonada por fadas, contos e criaturas mágicas.

Insta: @ericanascimento.art

Twitter: @erican_art



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros.

@marinalivros



Juliana Daglio

GESTÃO EDITORIAL

Escritora agenciada pela Increasy e publicada pela Record. Gestora editorial na Wish e psicóloga clínica.

@judaglio2



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. **@nostalgiacinza**

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *My Wife's Promise*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 053/Ago 2024

PRÓXIMO MÊS

Com uma crítica social de Oscar Wilde, a história se passa na Espanha em um passado não especificado, durante o décimo segundo aniversário da Infanta, a única filha do Rei. Um jovem anão é trazido à corte para divertir a Infanta. Ele não percebe que os risos ao seu redor são zombarias de sua aparência. Quando o anão vê seu reflexo pela primeira vez, as consequências são trágicas.

---

1 A "Baía de Repulse" atualmente é nomeada como Naujaat. A cidade, localizada na região de Kivalliq, em Nunavut, Canadá, mudou de nome em 2 de julho de 2015 para refletir melhor a cultura e a língua dos povos indígenas locais. Naujaat significa "seios de gaivota" em Inuktitut, referindo-se às colônias de gaivotas que nidificam nas falésias ao redor da área. [N.R.: Nota da revisora]

2 A autora descreve um iglu, mas não usa a palavra igloo, que aparece escrita no inglês canadense em 1824 (em português, só em 1958), mas talvez ainda não fizesse parte do vocabulário da escritora inglesa. A escolha de palavras descritivas pode demonstrar desconhecimento da parte da autora ou do narrador. [N.T.: Nota da tradutora]

3 Sir John Franklin (1786-1847) foi um oficial da Marinha Real do Reino Unido. Em sua terceira expedição ao Ártico, em 1845, desaparececeu com toda a tripulação, o que ocasionou expedições de busca nos anos seguintes. Seu destino seria revelado em 1854 e validado por provas físicas somente em 1997. [N. T.]